

Confronto com petista: o sonho ideológico de Collor

Telefoto de Antonio Moura

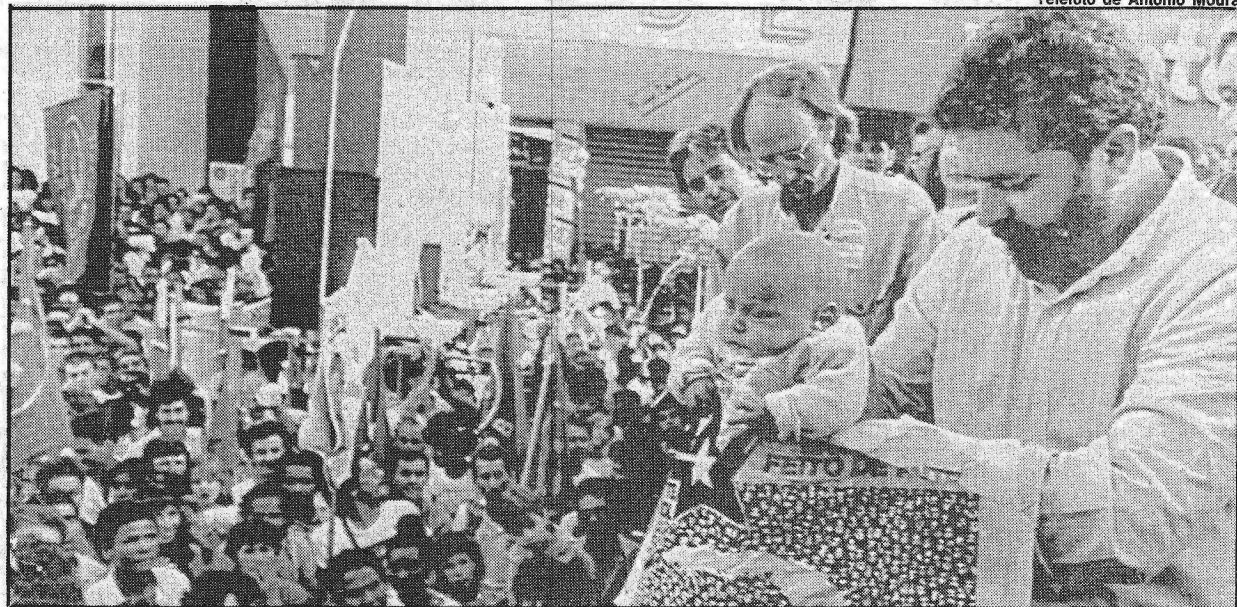
BRASÍLIA — Tudo o que Fernando Collor de Mello (PRN) quer, do ponto de vista eleitoral, é enfrentar no segundo turno das eleições presidenciais o candidato da Frente Brasil Popular, Luís Inácio Lula da Silva (PT). Esta idéia, porém, apavora seus assessores econômicos que antevêm uma luta de classes no País.

— Eleitoralmente, é mais fácil enfrentar Lula. Mas, em termos de governabilidade, essa é a situação que candidato nenhum deve querer — acredita a economista Zélia Cardoso de Mello, a principal estrela da área econômica do PRN.

Fernando Collor sonha ter a seu lado aliados à esquerda. Mas, em qualquer das hipóteses de disputa no segundo turno, será identificado como o candidato mais “conservador”, pois enfrentaria nomes como Lula, Leonel Brizola (PDT) ou Mário Covas (PSDB).

No caso de enfrentar Lula, que formou a Frente Brasil Popular com a participação do PSB e PC do B, os articuladores da candidatura Collor acalentam o sonho de ter como aliados no segundo turno nada menos que o PCB de Roberto Freire. Mas, Freire, que vem se comportando ao longo da campanha como autêntico embaixador das esquerdas, deixou muito claro que não fará alianças à direita para um governo de coalizão.

O Deputado José Genoíno (PT-SP), em tom de blague, disse há poucos dias a Roberto Freire:



Lula, “cabo eleitoral” de Collor no 2º turno: quem teme avanço de petista votaria em peso no candidato do PRN

— No Governo do PT você será o nosso Primeiro-Ministro.

Neste confronto com o PT, Fernando Collor vai ganhar votos por gravidade de todos os setores que temem a ascensão do PT de Lula, entre eles os que mais combateram sua campanha no início, como por exemplo, os aliados e integrantes do Governo do Presidente José Sarney.

Este duelo, se confirmado, configuraria a mais nítida luta ideológica da

campanha presidencial. Assessores de Collor prevêem que, numa disputa com Brizola, seria possível combatê-lo de várias formas, atacando seu populismo, algumas alianças que fez no Rio e no Nordeste e amizades que consideram passíveis de denúncia. Contra Lula, ao contrário, só existe uma estratégia: o discurso ideológico.

— Enfrentar o Lula empurra qualquer um para a direita — teme um assessor do candidato do PRN.

Apesar de Collor desejar adesões mais à esquerda, os apoios que venha a receber do PMDB e do PSDB certamente virão dos setores mais “conservadores” dessas duas legendas. Ao PSDB, Collor dedica atenção especial: desde o início da campanha, insiste em considerar aberto o caminho de quadros dos “tucanos” para seu Governo, mas até hoje não recolheu uma indicação que permita transformar seu sonho em realidade.